

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
VIAGEM AO FIM DO MUDO
16 de Abril de 2026

SCHATTEN / 1923

(Sombras)

um filme de Arthur Robison

Realização: Arthur Robison / **Argumento:** Rudolf Schneider e Arthur Robison, a partir de uma ideia de Albin Grau / **Direcção de Fotografia:** Fritz Arno Wagner / **Montagem:** Arthur Robison / **Direcção Artística e Guarda-Roupa:** Albin Grau / **interpretação:** Fritz Kortner (o marido), Ruth Weyher (a mulher), Alexander Granach (o homem das sombras), Gustav von Wangenheim (o amante), Max Guistorff, Eugen Rex e Ferdinand von Alten (Cavaleiros), Fritz Rasp (criado), Lilli Herder (criada), Karl Platen.

Produção: Pan-Film, para a Dafu Film Verleih / **Cópia:** Murnau Stiftung, 35 mm, preto e branco e tintado, muda, sem intertítulos, 95 minutos a 18 fps. / **Estreia em Portugal:** Olímpia, a 16 de Janeiro de 1929.

Nota: Sendo um filme sem intertítulos, **Schatten** vai ser apresentado numa versão restaurada que inclui cartões iniciais indicativos do trabalho de restauro e dos actores e respectivas personagens, com texto em alemão não legendado.

Acompanhado ao piano por João Paulo Esteves da Silva

Aquilo que melhor serve para caracterizar um movimento, uma corrente ou uma escola não é a existência de um ou dois "pontas de lança" mas a de toda uma espécie de "rectaguarda" que, se nunca emerge ao ponto de se tornar emblemática desse movimento, serve para lhe dar consistência e tornar legítima essa classificação. Assim, o que nos permite hoje falar do cinema alemão dos anos 20, "caligarista", "expressionista" ou "realista", e identificá-lo como um todo coerente nas continuidades e nas descontinuidades é precisamente a solidez das suas bases, exposta na miríade de realizadores, argumentistas, operadores, decoradores, actores, etc, que, salvaguardando as necessárias diferenças individuais sentimos (e vemos) trabalhar orientando-se por premissas comuns. É nesta passagem do individual ao colectivo que um "movimento" ganha corpo, e só então a utilização dessa palavra ganha sentido. Em resumo, se ao falarmos do "cinema alemão dos anos 20" ou mais exactamente do cinema alemão dos anos 20 que se ergue sob a égide do "expressionismo" e do "caligarismo" falamos de um "corpus" facilmente isolável e reconhecível nas suas traves mestras, isso deve-se não à existência, por exemplo, de Murnau ou de Lang, mas à de Pabst, Lupu-Pick, Wegener, Wiene, Leni, Galeen, von Gerlach, e vários outros. Afinal, o que se passa com o cinema americano do período clássico.

Entre esses outros, encontra-se o realizador do filme desta sessão, Arthur Robison. Hoje em dia um pouco esquecido à sombra dos grandes nomes da sua geração, em **Schatten** Robison assinou, no entanto, aquele que é considerado um dos píncaros do cinema de raiz expressionista, sendo o seu filme mais célebre. Americano de nascimento (que aconteceu em 1888), Robison cresceu na Alemanha e, **Schatten** atesta-o, assimilou perfeitamente a cultura germânica. No final dos anos 20

passaria por Inglaterra para dois filmes (**Looping the Loop** e **The Informer**) regressando à Alemanha, onde a sua carreira terminaria em 1935, ano da sua morte, com uma das várias versões de **Der Student von Prag**.

Se **Schatten** é importante enquanto "súmula" do expressionismo, é-o também, consequentemente, como exemplo claro das diferenças entre aquela corrente e o "caligarismo", distinção nem sempre convenientemente esclarecida. O "caligarismo", como o nome indica, tem a sua génese no célebre filme de Robert Wiene, e assenta sobretudo numa distorção da realidade sugerida pelo uso de uma cenografia, à falta de melhor termo, atormentada. Se o "caligarismo" nasce do e no cinema, o expressionismo é algo que já vem de trás, mais precisamente do teatro, tendo Max Reinhardt sido um dos principais expoentes e experimentadores do expressionismo teatral, explorando o uso da luz e das sombras (tema "mítico" do cinema germânico dos anos 20), dessa maneira conseguindo resultados que se aproximavam da montagem cinematográfica: iluminando apenas uma parte do palco e deixando o resto na obscuridade, quando se invertiam essas condições sugeria-se, em plena unidade de tempo real, uma fractura nas coordenadas espacio-temporais da diegese. Se tudo isto importa no que toca a **Schatten** é porque estamos perante um filme que se encontra muito mais próximo destas experiências teatrais tal como as podemos imaginar do que com o caligarismo do famoso gabinete. O expressionismo entende-se aqui também (ou principalmente) no sentido de projecção (e voltaremos a este termo, fundamental neste filme), num movimento que parte do cinema em relação ao objecto, e não o contrário: ou seja, é o cinema que torna os cenários "demenciais", e não estes que, à partida já delirantes (como em **Caligari**) conferem ao cinema esse estatuto. A própria estrutura do filme de Robison, centrada num único décor e estendendo-se em continuidade temporal por uma única noite, descende, por esse lado, de uma lógica assaz teatral.

Já acima se falou de "projecção" como maneira de entender o expressionismo, posta em evidência por **Schatten**. Mais ainda, **Schatten** parece a concretização da famosa expressão de Lotte Eisner que serve de título ao seu livro sobre o cinema alemão, *O Écrã Demoníaco*. Atentemos na história narrada pelo filme: durante uma festa numa mansão burguesa, está presente, como "animador", uma artista errante que exhibe espectáculos de sombras "chinesas". A dado passo, o homem decide apresentar uma representação (uma "projecção") do que seria aquela noite se todos os presentes dessem largas aos seus instintos e impulsos reprimidos. O núcleo de **Schatten** é então, basicamente, esse filme dentro do filme, e as suas consequências para os seus espectadores, uma vez acabado. O que é notável é a maneira como isso se transforma numa metáfora, não apenas do cinema expressionista (que já alguém caracterizou como "neurótico") mas, no limite, de todo o cinema: através de uma projecção "cinematográfica", as personagens assistem a uma projecção das suas próprias personalidades (é nesse revelar despuadorado das paixões individuais que o écran se toma verdadeiramente "demoníaco"). Essas projecções são supostamente desenroladas através de sombras, sendo aliás as sombras o sinal que marca a passagem para o "outro lado", em dois fabulosos planos em que as sombras invertem as suas posições em relação aos objectos que as projectam. No meio de toda a riqueza de **Schatten** (e podia-se ainda falar da fortíssima carga erótica ou do esboço da luta de classes desenhado nas relações entre os senhores e a criadagem) fiquemos então com essa metáfora do cinema, não esquecendo o realizador, deleitado não com as perversões dos espectadores, mas com a sua própria perversão. Em **Schatten** o realizador não é um demiurgo, mas um demónio.

Luís Miguel Oliveira